



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE
TECNOLOGIA EM ALIMENTOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

GISELIA CERQUEIRA DA SILVA DE OLIVEIRA

A HISTÓRIA DE VIDA DE ARLINDO FERREIRA DA SILVA E A IDENTIDADE
RURAL DO MUNICÍPIO DE IRARÁ – BA

Feira de Santana - BA

Maio de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE
TECNOLOGIA EM ALIMENTOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

GISELIA CERQUEIRA DA SILVA DE OLIVEIRA

A HISTÓRIA DE VIDA DE ARLINDO FERREIRA DA SILVA E A IDENTIDADE
RURAL DO MUNICÍPIO DE IRARÁ – BA

Monografia apresentada ao Curso Superior de Tecnologia em Alimentos na Educação do Campo, como requisito para a obtenção do título de Tecnólogo em Alimentos na Educação do Campo.

Orientadora: Prof^a Tatiana Velloso

Feira de Santana - BA

Maio de 2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

Giselia Cerqueira da Silva de Oliveira

A História de Vida de Arlindo Ferreira da Silva e a Identidade Rural do Município de Irará-BA

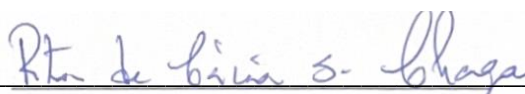
Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Tecnóloga em Alimentos do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Feira de Santana, 16 de maio de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dra. Tatiana Ribeiro Velloso
Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof.ª. Dra. Rita de Cacia Santos Chagas
Doutora em Filosofia e educação pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof.ª. Dra. Samantha Serra Costa
Doutora em Biotecnologia pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me abençoado e a oportunidade de poder cursar uma faculdade, pois sou de uma família humilde e sem condições financeiras, tive a oportunidade e me arrisquei. Deus me capacitou e me deu forças e assim consegui passar no vestibular de uma faculdade federal. A vida construiu meus caminhos, eu andei por ela, as vezes sorri, as vezes chorei, mas sou grata por tudo o que vivi. Gratidão a Deus por me ajudar a seguir em frente nos momentos mais difíceis, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus pais, Arlindo e Matilde, que acreditaram em mim quando eu mesma já não acreditava. São dois anjos que Deus colocou em minha vida, e sem os quais não sou nada. Amo vocês!

Principalmente ao meu pai por ser minha inspiração, cada ida ao meu quarto para me falar algo, ou responder minhas perguntas de quando não lembrava no momento. Ele ficava da sala para meu quarto ansioso, “olha eu lembrei disso”, ou, “era assim” e me contava sua bela e inspiradora história de vida. A felicidade do meu pai por ter uma filha na faculdade realizando o sonho dele, onde teve 11 filhos com os estudos incompletos e hoje ele tem as duas filhas mais novas universitárias. Foi minha inspiração e responsável pelo meu TCC com a sua vida.

A minha filha Luana que eu a amo muito, por sempre ter uma palavra de apoio e me suportar até nos momentos difíceis e mais estressantes, principalmente nas minhas dificuldades e nunca permitiu que eu desistisse.

A todos da minha família que contribuíram direta e indiretamente com este momento. Saibam que me sinto privilegiada por fazer parte desta família linda.

As minhas sobrinhas, em especial a Camila Queiroz, sempre preocupada tentando me fortalecer, sempre perguntando e tentando ajudar, obrigada pelo incentivo. Me apoiaram desde o momento em que eu resolvi voltar a sala de aula. Valeu a pena o esforço, as noites perdidas, os dias inteiros fora, onde eu não conseguia fazer uma boa alimentação pelo fato de levar quentinha, ônibus lotado e até discriminação sofrida com alunos de outras instituições.

Agradeço a minha amiga Veralucia Gonzaga pelo incentivo e sempre me ajudado nas minhas dificuldades, nas horas difíceis com a saúde, problemas enfrentados, dificuldades nos estudos, e ela nunca soltou minha mão, até nos

momentos onde ela estava precisando de apoio ela estava ali para me ajudar, me dando força nas várias vezes em que pensei em desistir. Sempre juntas, amizade que veio antes da universidade, desde o trabalho, mas esse período juntas nos aproximou mais e nos fortaleceu.

Agradeço aos meus professores que tanto me ensinaram na resultância do meu curso que com os seus grandes apoios, gentilezas, orientações e confianças me ajudaram a construir o caminho que atravessei. As contendas, e quando necessitei nas minhas fraquezas e nas minhas dificuldades e os conhecimentos adquiridos. Em especial agradeço a minha professora doutora e orientadora Tatiana Veloso que me apoiou desde quando conheceu o tema que eu defenderia, onde demonstrou uma imensa alegria no momento em que decidi o tema, a sua reação me deu mais certeza de que escolhi o tema certo para defender. Cada professor uma história diferente, uns mais presentes com mais liberdade, outros com um pouco menos de intimidade, mais um carinho grande por todos, foram essenciais na minha jornada. Obrigado pela paciência comigo em vários momentos difíceis que passei.

Agradeço a cada pessoa que passou em minha vida, até aquelas que me fizeram sofrer ou de alguma forma me machucaram. Onde diziam que eu não iria conseguir.

Agradeço ao prefeito, a secretária da educação e a advogada do município pela liberação do trabalho, onde tive a oportunidade de frequentar as aulas no período integral sem prejudicar o meu emprego, onde era liberada das atividades para os estudos.

Agradeço aos meus colegas de classe pelos momentos juntos, os trabalhos em grupos, a frase que repetidamente me diziam: não desista, pela paciência onde várias vezes eu tive crise de choro, me trancava no banheiro e eles nunca me deixaram sozinha

A cada pessoa que me parabenizou, me apoiou, que dedicou seu tempo me incentivando e ajudando nas minhas dificuldades. Agradeço de coração, muito obrigada. Gratidão eterna!

Hoje muito grata a Deus e muito feliz posso considerar-me uma tecnóloga em alimentos. Sou apaixonada e tenho orgulho de poder exercer o cargo que amo onde inclui alimentação.

OBRIGADA A TODOS!

A HISTÓRIA DE VIDA DE ARLINDO FERREIRA DA SILVA E A IDENTIDADE RURAL DO MUNICÍPIO DE IRARÁ – BA¹

Giselia Cerqueira da Silva de Oliveira²

RESUMO: O trabalho é uma biografia que narra a história de vida do Senhor Arlindo Ferreira da Silva, que retrata a identidade da formação agrária do município de Irará, situado no estado da Bahia. A Bahia é o estado com maior número de agricultores familiares do Brasil, que desempenha o papel na produção e no abastecimento interno de alimentos, além de garantir trabalho, emprego e renda no campo. Foi necessário caracterizar o município de Irará, bem como, compreender a Educação do Campo enquanto modalidade de educação e suas contribuições no processo de transformação das condições estruturais de exclusão. A metodologia utilizada é na abordagem qualitativa, a partir da narrativa de história de vida, que promoveu um “caminhar para si”, e contribuiu para repensar o processo formativo que teve acesso, como também a revisão de literatura e a entrevista semiestruturada aplicada que foram instrumentos da coleta de dados. Os resultados obtidos permitiram a contextualização da vida de uma referência que traduz o agricultor familiar, em que sua trajetória demonstra a negação de direitos, como a educação, e como foi possível a partir das organizações e movimentos sociais do campo se construir políticas educacionais para o campo, a partir dos princípios e concepções da educação do campo em gerações posteriores, como fruto de conquistas, mas ainda com desafios estruturais históricos a serem superados.

Palavras-chave: Trajetória; Agricultura Familiar; Questão Agrária; Educação do Campo.

1. INTRODUÇÃO

O município de Irará, situado no Território do Portal do Sertão, no sertão do estado da Bahia, apresenta sua identidade vinculada ao rural, em consideração a formação do espaço agrário pelos sujeitos que habitaram e habitam essa localidade. Para esse entendimento, se buscou narrar a história de vida de Arlindo Ferreira da Silva, como forma de compreender a formação do espaço agrário do município de Irará, nas suas contradições e lutas dos sujeitos do campo para sua vinculação.

1 Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da professora Dra. Tatiana Ribeiro Velloso do do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade – CETENS da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

2 Estudante do Curso de Tecnologia em Alimentos do CETENS/UFRB.

O município de Irará tem sua identidade vinculada ao rural, no processo de colonização caracterizado por grandes propriedades voltadas para a pecuária no desbravamento da caatinga, que historicamente as estiagens originam o fenômeno climático das secas que influenciaram a visão histórica de que são causas dos infortúnios da pobreza e das desigualdades sociais (CASTRO, 1992). Para entendimento da formação do espaço agrário pelos sujeitos que habitaram e habitam essa localidade, se buscou narrar a história de vida de Arlindo Ferreira da Silva, como forma de compreender a formação do espaço agrário do município de Irará, nas suas contradições e lutas dos sujeitos do campo para sua vinculação.

Como mais uma nordestina, mulher rural da agricultura familiar, em 2004 voltei a morar com meus pais com a intenção de cuidar deles, devido à idade avançada deles. Fui uma dos sujeitos que vivenciou o êxodo rural, caracterizado pelo abandono do campo para migração para as cidades na busca de melhores condições de vida. Segundo Priori et al (2012, p. 123), o êxodo rural foi intensificado na região Nordeste do Brasil especialmente após a modernização conservadora que introduziu inovações tecnológicas no campo de forma seletiva, que provocou a eliminação de “muitos empregos no campo e engrossou as migrações para as cidades”, aliada a concentração fundiária que envolvia a disputa por terras e por condições dignas de vida. Essa dinâmica, por um lado, manteve o campo ainda com as desigualdades estruturais, e por outro, fomentou a saída dos povos do campo para as cidades que tiveram o crescimento desordenado com a instalação de estruturas periféricas.

Passei a admirar ainda mais Arlindo Ferreira da Silva, meu pai, agricultor familiar, que sempre viveu na zona rural do município de Irará, que enfrentou todas as adversidades e nunca abandonou o campo. Resistiu a todo processo de precarização e de negação de direitos como sujeito do campo, como agricultor familiar. Arlindo Ferreira da Silva expôs o sonho de escrever um livro sobre sua trajetória de vida, mas devido as dificuldades e a ausência de acessibilidade aos estudos, pela ausência de oportunidade à educação em espaço formal, ele não se sente capaz de escrever, despertando em mim a vontade de escrever sobre a vida desse homem, que retrata muito da identidade de um agricultor familiar do sertão baiano. Como diz Euclides da Cunha, em 1902, nos “Sertões”, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, que carrega na alma a vontade da equidade, por conta da resiliência e resistência desde o Brasil colônia e seus modelos de desenvolvimento, que subjugarão e violentaram o povo nordestino do campo de forma material e imaterial.

Aos 92 anos, Arlindo Ferreira da Silva, feliz, lúcido, tem o prazer em ter muita prosa para contar e reafirmar a alegria de ser um homem do campo, nordestino e sertanejo. Eu como filha tenho alegria e muito orgulho de compartilhar a história de vida dessa pessoa que é um exemplo para mim e aqueles que o cerca, que representa a resiliência e a resistência de um nordestino sertanejo que permaneceu no campo. Ele tem a expectativa desta conquista de acesso ao ensino superior, no curso da Educação do Campo, que se possa para além de visibilizar a sua trajetória e memória, compreender a partir da vida de sujeitos do campo, os desafios históricos e as conquistas cotidianas de povos que foram subalternizados e excluídos dos seus direitos e dos livros de história. Histórias de muitos Arlindos, Joãos, Josés, Luizes, Antônio, mas também de Marias, Antônias, Aparecidas, Teresas... enfim, muitos homens e mulheres do campo do Nordeste Brasileiro, que não estão nos nossos livros de histórias.

O processo educacional é uma arte que acompanha o ser humano desde os primórdios, pois antes mesmo de existir a decifração do código escrito, os primeiros seres humanos já realizavam a leitura do cotidiano. Eles poderiam saber, por exemplo, se iria chover ou não através da interpretação de alguns sinais observados na natureza, os rabiscos de traços para contagem, desenhos e outros. Este contexto, portanto, salienta a importância dada uma pessoa da zona rural poder concluir seus estudos na educação básica, concluir o ensino médio e, sobretudo, de ingressar no ensino superior. Haja vista, que essa oportunidade contribui inclusive para a compreensão do mundo rural, mas incorporando os saberes da terra e da vida dos nossos ancestrais, que são nossas referências de lutas e de cultura da nossa identidade.

Com isso, a UFRB enquanto Universidade propicia o acesso ao Ensino Superior público, que tem referência na sua excelência pela implicação com a promoção do desenvolvimento territorial, a partir do mundo do trabalho. Figaro (2008, p. 92) aborda que o mundo do trabalho “engloba e coloca em relação a atividade humana de trabalho, o meio ambiente em que se dá a atividade, as prescrições e as normas que regulam tais relações”, que são intercambiados pelas técnicas e tecnologias que são bases para o desenvolvimento das culturas, das identidades, das subjetividades e das relações humanas.

Na UFRB, em 2013, inicia na graduação a Licenciatura em Educação do Campo, como uma modalidade de ensino que tem como característica intrínseca da

educação na perspectiva de transformação das condições dos sujeitos do campo. Em 2018, inicia o Curso de Tecnologia em Alimentos, pois o mesmo dentro da Educação do Campo surge dos anseios e lutas sociais cujo princípio é justamente promover uma formação para os sujeitos do campo, voltada ao processamento e beneficiamento de alimentos da agricultura familiar. Formação a qual condiz com o meu perfil enquanto filha de agricultor familiar, e também como agricultora familiar.

Com isso, o curso de Tecnologia em Alimentos visa oferecer técnicas e subsídios científicos por meio da concepção de Educação do Campo aos sujeitos com perfis iguais a este possam garantir a sua permanência no campo, de maneira digna e com qualidade. E assim,

Diante disso, o Curso Superior Tecnologia de Alimentos adota como método a Pedagogia da Alternância, a qual consiste em uma forma de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana dos sujeitos em seu contexto social, econômico, cultural, político e ideológico, mediado por práticas e instrumentos pedagógicos (UFRB, p. 13, 2021).

Neste sentido, pensa-se numa Educação do Campo como uma escola voltada para a realidade do estudante torna-se cúmplice do seu pleno desenvolvimento, levando-os a serem sujeitos autônomos, críticos, criativos e comprometidos com a democracia e justiça social. Conscientes para perceber como diferentes vozes, podem ser constituídas em meio às relações sociais e capacitadas para acolher e criticar seus significados, suas histórias e suas experiências (CALIARI, 2002).

Por esta razão, a temática desse trabalho se deu por considerar a história de vida do meu pai, Senhor Arlindo Ferreira da Silva, como algo muito especial, motivador e como exemplo para mim em detrimento dos muitos acontecimentos vivenciados e até mesmo pela sua forma de lidar com todos eles. Com pouco conhecimento, mas, com uma visão bastante entusiasta, e como sujeito que lutou pela permanência de sua família, e pela melhoria das condições de vida da sua comunidade. Um homem de fé, otimista, disposição para a “labuta” diária de uma inteligência extraordinária, mesmo que pautada no senso comum e em suas experiências do cotidiano e da vida, na condição de um homem do campo nordestino sertanejo.

Tenho o privilégio e sou feliz o bastante de tê-lo como pai e a ele sou muito grata. E, por admirar muito o Senhor Arlindo, meu pai, é que escolhi a sua história de vida enquanto morador da zona rural como temática do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Sendo assim, fiquei muitas vezes a demorar para escrever este TCC, uma vez que o mesmo tem um sentido especial que vai além de ser um trabalho acadêmico, pois relatar a história de vida do meu pai é como caminhar para dentro de mim, construindo um vasto aprendizado. Exatamente por isso, por ter ficado em mim... Narrar a biografia do Senhor Arlindo não é simplesmente escrever. É lembrar, contar, ler e escrever os quais são processos formadores e que mudam a vida da gente. Voltei à adolescência... escrever os episódios, palavras ouvidas, reações afetivas, desejos, lembranças, aprendizagens.

É assim que tenho me sentido cada vez que elaboro o rascunho. Reconstruo, leio e releio. Apago, deleto, faço sumir. Incrível! Não mais é a insegurança própria da adolescência. Agora, é a contenção de emoções inerentes a uma acadêmica prestes a concluir seu curso. Altamente emocionada, tremulam as letras no teclado e no visor.

Essa motivação trouxe o objetivo deste trabalho de narrar a história de vida do Senhor Arlindo Ferreira da Silva, como referência de um sujeito do campo, um agricultor familiar sertanejo nordestino que permaneceu no campo e tem a sua trajetória a questão agrária, e que para tanto, foi necessário caracterizar o município de Iará, bem como, compreender a Educação do Campo enquanto um direito conquistado capaz de contribuir para a transformação histórica das desigualdades vivenciadas pelos sujeitos do campo.

A metodologia do trabalho é de caráter qualitativo, a partir da história de vida. As histórias de vida são entrevistas exaustivas com sujeitos referências, com objetivo de obter uma narrativa dos seus percursos de vida. Falar de investigação biográfica não é construir uma história ou uma biografia pessoal com fim terapêutico ou histórico, mas reelaborar uma nova vivência, partindo de fragmentos de vida que nos ajudam a dar um valor único mas extrapolável para a compreensão da realidade comum a todos os atores sociais, comprometidos socialmente com os valores e com as mudanças do seu "habitus" (CORTES, 2011).

Sendo assim, é muito interessante conhecer a história de vida do outro, que se mistura com minha história para criar diversas histórias. Vamos buscando o nosso lugar de ocupância e transitando em qualquer território enquanto protagonista da nossa história.

2. HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE UM SUJEITO DO CAMPO E A QUESTÃO

AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE IRARÁ

Arlindo Ferreira da Silva, nasceu em Irará - BA, em 30 de julho de 1930, descendente de uma família ditos de “fazendeiros”, mas em decadência, que teve 10 irmãos, casou-se aos 19 anos com Matilde Cerqueira Silva, onde tiveram 18 filhos: 14 nasceram saudáveis, 3 faleceram ainda bebês, 2 faleceram adultos e 4 não chegaram a nascer vivos. O dito “fazendeiros” são aqueles que possuem a posse da terra, mas que com o processo sucessório a questão fundiária não garante a permanência da família, pois são dimensões fundiárias insuficientes.

A sucessão familiar no rural é debatido por diversas pesquisas que apresentam um ambiente desfavorável para a reprodução social no campo, especialmente por conta da desvalorização dos sujeitos do campo, da ausência de infraestrutura e de serviços (educação, saúde, assistência técnica e extensão rural, lazer, entre outros) nas propriedades e no campo, da questão fundiária e das tradições patriarcais e geracionais que desvalorizam o trabalho das mulheres e dos jovens (CARNEIRO, 2001; SIQUEIRA, 2004; COSTA, 2006).

Arlindo Ferreira da Sila teve uma vida muito difícil e sofrida, trabalhou como lavrador, homem de personalidade e sem oportunidade de estudo, com sua simples fala, mistura temas do cotidiano e toca em feridas sociais em seus discursos sem perder o tom. Em meio a busca de informações para contemplação da sua história, ele relata que

O trabalho na roça era muito difícil e sofrido, trabalhava na lavoura, trabalhei também como pedreiro, prestei serviço para os outros e algum tempo depois montei um humilde boteco.

Observa-se que na condição de agricultor familiar, precisou para além do trabalho na lavoura, complementar a renda com atividades não agrícolas. É o que diversos autores denominam de multifuncionalidades e pluriatividades, em que as famílias do campo no espaço rural desenvolvem ao mesmo tempo atividades agrícolas e não agrícolas capazes de garantir a manutenção no campo, com novas formas de trabalho e renda.

A agricultura familiar historicamente estrutura suas estratégias de produção e reprodução, a partir de seu modo de vida na garantia das dimensões econômicas, sociais, ambientais e culturais no enfrentamento de desafios estruturais, apesar das contradições que necessitam superar (CHAYANOV, 1981).

Os problemas estruturais têm a história no acesso à terra, desde o Brasil colônia, em que se formalizou as posses das terras para uma elite agrária, em detrimento da exclusão aos sujeitos do campo do modo de vida familiar (VELLOSO, 2013). Esta dinâmica intensificou o que Martins (1995) trata da expropriação dos sujeitos da agricultura familiar, e que transformou estes sujeitos em proletários assalariados.

Essa condição estrutural é relatada pelo Arlindo Ferreira da Silva, quando aborda que:

O município de Irará era muito pobre, não tinha trabalho, único meio de sobrevivência era de plantação de farinha, e quando o preço caía o sofrimento era maior, tinha também a questão de chuva era escassa e com a chegada de uma firma de tabaco que financiava aos trabalhadores para a plantação de fumo facilitou um pouco mais, algum tempo depois o tabaco foi condenado e as plantações foram diminuindo, foi inclusive nas plantações o milho e feijão para ajudar na sua sobrevivência, a população tinha dificuldade de estudar. A comunidade não tinha fácil acesso à cidade, transporte era carro de boi para quem tinha condições financeiras para os fazendeiros. O município só teve uma melhora após o governo de Lula, onde o pobre conseguiu uma melhora, veio a luz para todos onde foi deixado de viver na escuridão.

O município de Irará tem sua população de 27.492 mil habitantes, onde 16.240 mil moram na zona rural e 11.252 mil residem na zona urbana, e é considerada como rural não apenas por ter a maior parte de sua população no campo, mas pelas relações de ruralidade que permanece historicamente (IBGE, 2010). Segundo o IBGE (2017), Irará tem 3.294 estabelecimentos rurais, em que 87% são da agricultura familiar, e que se caracterizam como propriedades de minifúndios³, como imóvel rural de área inferiores que um módulo rural ou fiscal, conforme o Estatuto da Terra (1964).

A pobreza no campo relacionada pelo Arlindo Ferreira da Silva traduz o que se aponta da Questão Agrária, que tem o entendimento que o desenvolvimento desigual é oriundo do processo de exclusão intensificado pelo modelo de desenvolvimento do capitalismo no campo, aliado ao processo histórico de expropriação. O desafio de superação destas condições faz com que os agricultores familiares busquem alternativas para geração de renda, com a inserção em atividades não agrícolas, visto que historicamente prevalece a monocultura, como ele indicou pelo fumo muito

3 O Estatuto da Terra define em seu art. 4º, IV, o minifúndio como “o imóvel rural de área e possibilidades inferiores às da propriedade familiar”. Em outras palavras, trata-se de uma propriedade de dimensão inferior à do módulo rural, insuficiente para a sustentabilidade de uma família com pelo menos cinco membros.

característico na sua juventude, e que a inclusão do feijão e do milho era na visão da subsistência ou na sub-existência.

Arlindo Ferreira da Silva é um agricultor familiar. Situação a qual é definida diante do conceito trazido sobre a agricultura familiar cuja a mesma emerge em que o acesso à terra, seja em forma de propriedade, seja mediante algum tipo de usufruto em que o trabalho predominantemente é familiar, o que não exclui o uso de força de trabalho externa, de forma adicional; a subsistência combinada a uma vinculação ao mercado, eventual ou permanente; a gestão sob responsabilidade do núcleo familiar, em que não ultrapassa de quatro módulos rurais (ou fiscais).

Ainda indica que o momento de melhoria foi em 2003, quando um trabalhador assumiu o Governo Federal, com a garantia de políticas públicas para o campo, como ele exemplificou com o acesso à energia elétrica, mas também com a política de crédito da agricultura familiar, com o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF)⁴. Neste sentido, relata que:

Hoje tudo ficou mais fácil, estudo, trabalho, transporte, a ajuda do governo para os agricultores para criação, o agricultor tinha dois anos para quitar o empréstimo sem juros. Eu, por exemplo, fiz empréstimo para criação de galinhas e porcos. Hoje as plantações melhoraram, os agricultores tem mais oportunidades, ao mesmo tempo ficou difícil pois o trabalho aumentou, pois o jovem tem saído a procura de trabalho fora, em cidades grandes, outros vivem com avós aposentados, outros de bolsa família, com tudo isso a produção da roça está caindo.

Nestas palavras, ele reforça que não teve a oportunidade de ir a escola por um longo período, porém aprendeu com as experiências que a vida lhe proporcionou, um líder nato, de visão política apurada. Sempre foi um menino sonhador, com vontade de lutar por um país melhor. Na comunidade onde mora muitos têm conhecimento de sua vida de lutas, vitórias, sonhos e vontade de fazer o melhor pela nação. Essa é a vida de Arlindo Ferreira da Silva, um homem sábio, carinhoso, feliz, de família, que relatou que não estudou

porque na minha época era muito difícil, não tinha escola nas comunidades, não existia escola pública. Tinha criança que não tinha condições nem para comprar roupa e na minha infância era poucos os que conseguia estudar. Na minha juventude como casei aos 19 anos, não tive motivação para recomeçar porque em seguida veio os filhos e as condições financeiras era escassa. A vida das pessoas na roça era muito difícil, onde eu fui criado a farinha era feita no rodete, (era um meio mais difícil e sofrido de fazer farinha, era para

4 Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) é uma política estruturante, constituída em 1995, como resultado de lutas dos sujeitos do campo de modo de vida familiar, que tem contribuído de fato para mudanças e melhorias no espaço agrário brasileiro, com ações de crédito, de infraestrutura, entre outras.

as famílias carentes), a noite não tinha luz, não tínhamos querosene para manter as lamparinas, fazia fogueira em cima do formo onde fazia a farinha para clarear, o dia a dia era feito vela de cera de uma árvore chamada mamona para não ficar no breu, pois não tinha condições de comprar por ser muito caro. Nunca tive condições de estudar.

Simões e Torres (2011) abordam que historicamente a educação colocada para os sujeitos do campo é de concepção de “escolarização”, que traduz a qualificação manual de mão de obra em propriedades rurais de uma elite agrária. Mesmo sendo essa educação rural, Arlindo Ferreira da Silva não teve acesso. E historicamente a exclusão nos espaços formais de educação está no campo, com maiores índices de analfabetismo. Damasceno e Bessera (2004, p. 75) relatam que

não é por acaso que os mais altos índices de analfabetismo do país estão localizados na zona rural e, dentre elas, naquelas das regiões cuja posição na divisão nacional do trabalho não exige uma produção baseada no trabalho qualificado.

Outra questão apresentada por Damasceno e Bessera (2004) é que a educação rural apresenta problemas de origem, em que é pautada em uma visão urbanocêntrica, descontextualizada da realidade do campo, de maneira alienada para a manutenção de um rural voltado para o modelo agroexportador. Para contrapor essa educação alienada, Paulo Freire (1996) aborda da educação emancipadora e crítica, necessária para tomada de consciência dos sujeitos a partir da compreensão de sua realidade e do seu comprometimento no processo de transformação.

Caldart (2012) aponta no contexto da questão agrária a educação do campo como essa tomada de consciência dos sujeitos do campo, que se torna como referência de uma matriz de vínculo entre conhecimentos, saberes e valores, tanto na educação nos espaços formais, mas também não formais, que busca superar a educação alienada de matriz de inovação tecnológica de base capitalista no campo.

Educação do Campo no berço dos movimentos sociais é o ponto de partida para a compreensão da agenda política que vem sendo consolidada ao longo da história. Considerando as plataformas de luta populares já existentes, a exemplo da Pedagogia Socialista, concepção Libertadora de Paulo Freire e concepção de educação popular – que iniciavam um movimento de formulação teórica e prática de uma educação que buscava atender os interesses dos trabalhadores do campo rompia com a visão instrumentalizadora de educação e vinculava-se ao projeto de desenvolvimento do campo (SANTOS; PALUDO; OLIVEIRA, 2010).

Se hoje é possível discutir princípios, diretrizes e leis específicas que regulam e orientam a escolarização, políticas de acesso à terra, conquista de direitos que são estruturais para a garantia da reprodução da família camponesa, é pelo fato de ter havido uma construção coletiva feita por trabalhadores engajados em movimentos sociais, na política, organizando marchas, greves, ocupações, tomando posição no confronto de projeto de escolarização com fundamentos instrumentalizados, colocados a serviço das demandas do capitalismo e a favor da educação com formação humana, omnilateral, visto que abarca todas as dimensões do desenvolvimento humano.

O município de Iará, eminentemente rural, possui o maior número de Unidades Escolares situadas no campo, logo, faz-se mister um currículo que dialogue com a especificidade dos sujeitos do campo. Diante disso, um dos anseios do Arlindo Ferreira da Silva foi a construção de uma escola para atender alunos que residiam em zona rural. Porém, como todo sonho enfrenta obstáculos, o Prefeito da época usou como justificativa para não construir a escola, a falta de terra para construção da mesma, pois a Prefeitura não tinha condições.

Arlindo Ferreira da Silva como idealizador desse desejo, por uma série de motivos, sobretudo, o seu desejo de favorecer à sua comunidade a oportunidade de aprender, doou um espaço na sua residência, com o pouco caso do Prefeito que mantia-se firme de não construir a escola, usou mais um argumento, não temos professora, e com a insistência e não desistir jamais, e o Senhor Arlindo conseguiu uma professora para a atuação da escola. Logo com o próximo Prefeito o Senhor Alberto Santana iniciou a construção da escola, em um terreno doado pelo Senhor José Nogueira. E, após muita luta, o Senhor Arlindo, através de suas conquistas e persistências conquistou a construção da Escola Municipal Manoel Conrado de Queiros, na comunidade do Manã, em Iará.

Dessa forma, a Educação do Campo tem as atividades avaliativas e todas as metodológicas coerentes com a visão e a concepção, voltada ao conhecimento e contexto sociocultural, bem como de maneira diversificada e articulada à legislação vigente.

Arlindo Ferreira da Silva é mais um dos milhares de sujeitos do campo que não teve acesso ao processo de escolarização, nem da educação rural e muito menos da educação do campo. Mas sua formação foi no espaço não formal da educação, nas lutas por melhores condições de vida, como Karl Marx ressalta que,

para existir uma ciência socialista é necessário que se instrumentalize o movimento concreto da consciência e da ação política da classe proletária. Assim sendo, Marx e Engels constituíram-se como os fundadores da teoria que marcaria decisivamente o movimento operário do século 20 (COGGIOLA, 1995 apud PEREIRA, 2010).

Arlindo Ferreira é um lavrador, aposentado, brasileiro, casado, que indo contra a desumanidade desde de sua juventude, sempre questionando a forma de como os governantes atuavam historicamente contra o interesse e o bem estar da população, especialmente os sujeitos do campo. Em outras palavras, Senhor Arlindo sempre questionou sobre os representantes governamentais, e afirmava que a população não sabia votar. Segundo Leal (2012), o voto de cabresto instituído durante a República Velha (1889-1930), era fundamentado na sustentação política de manipulação dos votos pelo coronelismo, negociada como mercadoria ou troca de favores. O coronelismo tem sua sustentação na estrutura agrária de manipulação do poder privado, em manipular através de trocas de favores para garantir a sua representação no poder político do Estado brasileiro.

E Arlindo Ferreira denunciava que esse sistema prevalece ainda na estrutura da representação política, mesmo com a eleição de um Presidente da República, em 2003, que é da classe trabalhadora, mas toda a estrutura do Estado é da representação da classe dominante. Aos 92 anos, ainda lúcido e consiente sobre a importancia do direito de votar. E com muita alegria e ansiedade espera o momento de ir, mesmo não tendo mais obrigatoriedade por conta da idade, mas da consciência de que ir até a urna garante seu direito de cidadão e depositar seu voto conciente de uma representação.

Durante a eleição a vontade e orgulho de votar era grande, mesmo com dor conseguiu ir até a urna e muito feliz de cumprir seu papel de cidadão, porem no segundo turno, estava mais debilitado e não conseguiu depositar seu voto onde sempre teve orgulho e prazer como cidadão, com o coração sofrido foi preciso aceitar que estava impossibilitado de votar.

A educação em casa foi rigorosa, um homem criado por pais adotivos, só na adolescência teve o conhecimento de seus pais biológico. Cresceu longe dos seus irmãos, porém é apaixonado pelos mesmos. As marcas deixadas por ter sido privado da convivência com sua mãe biológica, que foi a óbito quando ele tinha 7 anos, existem até hoje, Arlindo relata que é muito grato pela família adotiva. Foi amado, mimado e bem cuidado por todos, uma família humilde, sem estudos, que

deu a melhor educação que tinha a disposição no momento. Aprendeu bons valores como amar o próximo, ser honesto, amar a Deus, ser feliz independente de suas condições financeiras, entre outros.

Mesmo sem estudo se tornou um cidadão sábio, formou uma família digna com muito amor. A forma de se expressar, jeito alegre de ser, pensamentos e ações em favor da comunidade, conquistou o carinho e respeito de todos que o conhece. Apesar das dificuldades financeiras, com amor e garra formou uma família de 14 filhos, hoje com 5 filhos a menos, 21 netos e 11 bisneto se considera uma pessoa realizada e feliz, com 72 anos de casado e ainda com muito amor com sua esposa, segundo Arlindo Ferreira da Silva, “eternos namorados”.

3. ORGANIZAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS NA LUTA E RESISTÊNCIA DOS POVOS DO CAMPO: A CAMINHADA DE UM SUJEITO DO CAMPO

Arlindo Ferreira da Silva sempre envolvido na política, foi simpatizante socialista, acompanhou a luta desde da década de 1940, fez parte da associação, participou da fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Iará (STRI), sempre buscando o melhor pela comunidade. Em 1991, Arlindo Ferreira da Silva junto com o Senhor Jacó, fundaram o (STRI), com a auxílio do advogado Aristeu Nogueira. Na época teve oposições para levar avante as propostas explanadas pelo STRI como o atual prefeito da época José Valverde contra as ações promovidas pelo sindicato.

Hoje, o vigor desse homem que inspira muitas vidas não é o mesmo, o tempo trouxe as suas marcas, dificuldade de enxergar, de deambular o que dificulta sair de casa, ele permanece firme nos seus preceitos. “A luta continua. Eu não quero sofrer, quero morrer em paz de preferência de mão dada com minha amada”. É grato a Deus por tudo que tem, mulher, filhos, amigos, por ter conhecido um Deus grandioso, sempre agradecendo por mais um dia. “Agradeço a Deus por me dar esta vida plena de alegria e agradecido pela dádiva da vida e pela bênção de cada dia”.

Hoje ele se considera um homem feliz. O que não falta ao Arlindo Ferreira da Silva é história de vida inspiradoras, é um admirador do A. A. (Alcoólicos Anônimos). O amor pela sua amada sempre foi forte, mas devido uma doença chamada alcoolismo esteve a ponto de perdê-la, a esposa não suportava mais tanto

sofrimento, onde o próprio se transformava logo após uma dose de álcool. O alcoolismo que é a Síndrome de Dependência do Álcool (SDAS), é um problema de saúde pública complexa e o envolvimento da família é fundamental para seu tratamento. Segundo Filizola et al (2006, p. 661),

O tratamento do alcoolismo é complexo e, dependendo da necessidade do usuário e do recurso disponível, pode ocorrer tanto em serviços especializados como nos CAPS ad (álcool e drogas), quanto em serviços de atenção básica, ambulatoriais, hospitais e grupos de apoio da comunidade. A inclusão da família no tratamento tem sido enfatizada como imperiosa no processo terapêutico desses pacientes. O Ministério da Saúde propõe como diretriz para o atendimento no CAPS ad, além do oferecimento de cuidado aos familiares de usuários do serviço, um trabalho junto a usuários e familiares que aborde os fatores de proteção para o uso de substâncias psicoativas e a diminuição do estigma e preconceito em relação às referidas substâncias, mediante atividades de cunho preventivo/educativo. Diante da magnitude do problema, do reconhecimento de suas consequências na família e da importância da inclusão da família no processo de tratamento, temos buscado compreender e intervir nas condições de vulnerabilidade de famílias que vivenciam a experiência de alcoolismo na família.

Com os filhos criados sua esposa decide ir embora pois achava que seus filhos não precisariam mais dela. Sua penúltima filha onde sempre foi grudada com nosso pai, estava de férias pois já não morava com eles, nossa mãe dialogou abrindo seu coração que não suportaria mais aquela situação e estava decidida ir sem saber para onde, longe de marido, longe de filhos, enfim só pensava em fugir daquela situação. No último dia de férias sua filha ao se despedir do seu pai pediu para ele não beber mais, que quando ele pegasse em um copo lembrasse dela.

Nesse véis mais uma vez o amor falou mais alto e Arlindo Ferreira conseguiu evitar o primeiro gole. Alguns anos depois, no dia 27 de dezembro de 1992 ele ingressou em uma irmandade onde recebeu ajuda, força e sobriedade. É grato a Deus por permitir que ele recuperasse sua dignidade e recebendo de volta sua família, amor e respeito Sempre agradecido e feliz pela família que Deus lhe deu. Com a saúde frágil, mesmo assim não cansa de dizer para sua esposa o quanto a ama, no dia 04 de novembro de 2022 Arlindo com os olhos cheios de lágrimas, à agradeceu pela família pelos filhos, netos e bisnetos que ela proporcionou a ele e disse que à ama, como se fosse uma despedida, a esposa cheia de amor não se conteve em lágrimas, ambos de mãos dadas.

É uma comunidade com uma índole espontânea de homens e mulheres que se reúnem para compriender e garantindo a sobriedade através da abstinência total do consumo de bebidas alcoólicas. Alegria do alcóolico é quando dá o primeiro

passo, que descobre que é um doente que não pode beber. O grupo fortaleceu o alcoólico dando força e sabedoria para não consumir mais o álcool.

Por tanto, não conseguiu o reconhecimento merecido. Sofreu com o preconceito, por ser idoso onde as pessoas não o respeitaram, desistiu da luta pela Associação Rural do Maná e com a desigualdade social e com outros problemas que herdaram da vida. Para Avritzer (2006,p.5), “o panorama associativo muda em grandes cidades brasileiras no início do processo brasileiro de democratização”. Ainda sonha por um país melhor e direitos e oportunidades entre homens e mulheres. Dessa forma,

o associativismo é central, na medida em que se constitui como fenômeno que desloca as atribuições dos problemas e condições do plano pessoal para o plano sistêmico, requisito central para o desencadeamento de um movimento social. Assim, em associação, as pessoas desenvolvem sentidos, percepções da vida social que transcendem a dimensão de base individual e pessoal (LÜCHMANN, 2013, p.5)

Arlindo Ferreira da Silva veio de uma luta por melhoria na comunidade do Manã. Durante muito tempo, lutou em prol da associassão rural, onde não teve muito êxito, pois a população não abraça a causa. Quando vice-presidente enfrentou alguns obstáculos em virtude do presidente não deixar resolver ou ir em busca de melhorias e sobre o estatuto não tinham interesse de conhece ou estudar sobre seus direitos. Outro fator relevante quando tesoureiro da associassão sempre a comunidade indo de contra, organizou a associação onde à encontrou bagunçada, notas desorganizadas, sempre na pauta que nas reuniões deveriam fazer projetos, mas o presidente queria fazer cobrança. Organizou as prestações de contas com a contribuição de um contador que era sócio do sindicato. Devido alguns problemas como incluir as notas anteriores na prestação de conta e outros fatores que ele não concordavam, inclusive a volta do presidente, o qual tinha deixado a associassão desorganizada, ele preferiu se afastar do mesmo e logo em seguida a associassão deixou de fucionar. Hoje a associação se encontra parada. Mesmo assim, ele relata que a

Participação política, sindical, associação, cooperativa, manifestações políticas tem a importância da participação de se juntar com a população para ir em busca de melhorias para a comunidade, estar junto na luta reivindicando seus direitos, em prol de melhorias, e estar organizado. Sempre participei de movimentos e protesto políticos de rua, mas com o objetivo e opinião formada de que as manifestações não teriam resultados se a população não se unisse. Se o Brasil tem 500 anos e nunca foi resolvido os problemas, hoje é que vai resolver, a única forma de resolver esse problema e com a união dos trabalhadores, dos metalúrgicos aos trabalhadores rurais, os sindicalistas junto com o mesmo propósito, assim os políticos saberia como governar. Se

manifestação estivesse a poder teria impedido o impeachment de Dilma, Lula não teria sido preso e Color só saiu porque eles quiseram, organização é preciso ser unido.

É possível compreender o caráter social da luta de Arlindo Ferreira da Silva. Além disso, o fato de ter sido um homem bastante comprometido com a luta por igualdade, sendo inclusive membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) é outro forte indicador de seus propósitos. Como sócio da cooperativa na comunidade do Candeal do município de Irara, sempre com objetivo de lutar pela comunidade buscando melhorias para ajudar os agricultores na comercialização para evitar que os atravessadores chegasse primeiro, queria ajudar os próprios agricultores a comercializar por eles mesmo.

Comercializar seus próprios produtos através da cooperativa, evitando perdas com os atravessadores, que poderia ter maiores ganhos de forma coletiva, com a participação de uma base que produz, mas que perde com a comercialização. Neste contexto, Arlindo Ferreira afirma que

Eu plantava mandioca, milho, feijão e fumo. Trabalhei para meus irmãos biológicos cuidando do bar, como pedreiro e com meu boteco. O sustento foi em base da minha luta na lavoura onde o trabalho não era valorizado, trabalhando fora e criava duas vaquinhas e com a ajuda da minha amada esposa. Tive vários desafios, um dos, era e continua sendo que o trabalhador sempre estar em desvantagem seja rural ou CLT, os políticos estão sempre acima levando a melhor para si próprio, desafio financeiro onde enfrentei em busca do sustento da família.

No contexto da alimentação, Arlindo Ferreira trouxe na memória que

Na época o alimento feijão e farinha era comida diária, tinha peixe que as famílias pescavam, quando os rios estavam correndo pois quando secavam os fazendeiros não deixavam pescar. As frutas e verduras quando tinha da época, tinha caça, o arroz não era comum na alimentação só quando tinham visitas ou festa, tinha ovos, as galinhas e carnes as vezes eram mais para vender em troca de uma renda. As mães sempre dando prioridade aos filhos deixando de comer a carne para dá para seus filhos, por ser muitos e a quantidade não era suficiente. Carne era para que tinha condições financeira. Minha lembrança era a farofa de azeite que eu fazia quando tinha, ou beiju para o café da manhã.

Nesse sentido, os agricultores familiares são os protagonistas do processo onde a dinâmica social ocorre. Uma vez que eles são os produtores e comercializadores dos seus produtos.

Sendo assim, é relevante salientar que a Agricultura Familiar se difere do capitalismo, porque tem por base a extração da mais valia através do trabalho assalariado e por prioridade a maximização do lucro, a produção familiar é orientada

para a satisfação das necessidades e a reprodução social da família. Segundo Milton Santos, o meio rural hoje não é visto apenas como um ambiente onde existe um conjunto de objetos geográficos, naturais e artificiais, que em conjunto formam a natureza, mas também como um ambiente ativo, onde ocorrem os processos sociais representativos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar na Faculdade me deparei com vários alunos que como eu éramos oriundos da zona rural, da classe trabalhadora e que na maioria das vezes estudou em escola pública. Mas, todos com a perspectiva de realizar o sonho de concluir um curso superior na área que escolheu. Então, me perguntava constantemente; o que seria do jovem considerado pobre, rural, que mora na “roça”, cujos pais e mães são agricultores, estudantes de escolas públicas, se estes não tivessem acesso ao ensino superior gratuito?

E esta, foi a pergunta que a cada dia eu buscava responder por meio de estudos disciplinados, horas de viagem da minha casa até a Universidade, e muitas vezes distante da minha família, grupo de amigos, mas com o desejo maior de obter o nível de graduação na minha área e assim poder responder às minhas inquietações com a constatação da realidade de que seria possível.

Mas importante reconhecer e afirmar que o meu ingresso só foi possível pela interiorização do ensino superior federal, com sua expansão, mas principalmente pela luta dos sujeitos do campo para a construção de cursos com os projetos pedagógicos voltados para a realidade da agricultura familiar. Essa conquista fez com que visse que a exclusão histórica dos povos do campo à educação e uma educação contextualizada, ao acesso à educação do campo como de transformação dos povos do campo em sujeitos da sua própria história, que a trajetória de meu pai Arlindo Ferreira da Silva fez com que pudesse refletir toda essa questão, e mais, de compromissos firmados para continuidade de uma luta que é cotidiana.

E, por esta razão, escolhi como tipo de pesquisa a biografia e o Senhor Arlindo Ferreira, meu pai, como mentor principal de todo esse estudo, porque foi por meio da luta, perseverança, resiliência, crença e amor dele e por ele que hoje posso concluir o ensino superior, mas também pelo compromisso de uma gestão federal voltada para as pessoas e a defesa incondicional à vida no início deste século. Então, a sua história

de vida é também a minha história, bem como da posição política de coadunar com representações que nos representa enquanto classe social!

Caminhar para dentro de mim por meio da história de vida do meu pai, não foi uma tarefa fácil. Em vários momentos as lágrimas escorriam pelo meu rosto, pois revistar junto com ele essas memórias e lembrar o passado, mexer com as lembranças colocadas "para baixo do tapete" me exigiu muito, mas ao mesmo tempo consegui entender muitos processos da vida dele os quais respingaram em mim enquanto filha e entender que vivemos numa revolução permanente, como também de sua defesa política de representação do nosso povo.

Essa revolução, portanto, verdadeiramente acontece quando decidimos fazer uma revolução interna, nos trazendo muitas reflexões sobre nosso passado, para entender melhor nosso momento presente e transformando nosso futuro, mas também de nos reconhecer como classe trabalhadora do campo, povos do campo, sujeitos de direitos que foram conquistados com muito suor e vida de organizações e movimentos sociais do campo.

Sendo assim, acredito que atingir os objetivos de pesquisa ao apresentar esta narrativa de história de vida e realizar as reflexões acerca da questão agrária que é fundante na educação do campo, sobretudo, no município de Iará – BA, e da importância das organizações e dos movimentos sociais para a nossa formação e para o acesso aos direitos que hoje posso gozar, mas que sofreram nestes últimos anos tantos ataques e retrocessos.

Toda a trajetória de Arlindo Ferreira da Silva (in memoriam) que nos deixou logo após a realização desta pesquisa, apresenta como uma história de vida com processo formador, como bem assinalam Josso e Delory (2012) “ao contar, recontar, escrever e ouvir nossas memórias históricas aprendemos e podemos ressignificar”.

Dessa forma, narrar a história do meu pai, Arlindo Ferreira da Silva (in memoriam), mostra que ao narrar histórias que transformam a gente em gente, em sujeitos e que nos (re)conecta com a vida, além de nos mobilizar para novas aprendizagens. Com isso, seguirei meu processo formador ao longo da vida e levo comigo a importância de se conhecer as histórias e ressignificá-las, e especialmente reafirmar meu compromisso como sujeito do campo para as transformações necessárias das condições dos povos do campo para garantia de seus direitos e no seu exercício de cidadania. Só assim, tudo isso terá sentido!

REFERÊNCIAS

CALDART, R. S. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALIARI, R. O. Pedagogia da Alternância e desenvolvimento local. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 4, n. 2, 2002.

CASTRO, I. E. de. **O mito da necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CARNEIRO, M. J. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Feministas**, 9(2): 22-55. 2001.

CHAYANOV, A. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas [1924]. In: SILVA, J. G. da; STOLCKE, V. (Org.). **A Questão Agrária**: Weber, Engels, Lenin, Kautsky, Chayanov, Stalin. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CORTES, P. **Histórias de vida em educação**: Biografias em contexto. Barcelona: 2011. p. 68 – 74.

COSTA, M. R. C. **Agricultura familiar e sucessão hereditária**: estudo de caso no município de Morro Redondo, RS. Pelotas – RS: UFPel, 2006. (Dissertação Mestrado em Agronomia).

DAMASCENO, M. N.; BESERRA, B. Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 73-89, jan./abr. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/9pR4SJPQLNqFb6mhkxKN6QR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: março de 2023.

ESTATUTO DA TERRA. Lei nº. 4.505, de 30 de novembro de 1964.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIGARO, R. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **Organicom**, ano 5, número 9, 2º semestre de 2008, p. 90-100.

IBGE. **Censo Agropecuário**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em:<<https://mapasinterativos.ibge.gov.br/agrocompara/>>. Acesso em: maio de 2021.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

FILIZOLA, C. L. A.; PERÓN, C. de J.; NASCIMENTO, M. M. A. do; PAVARINI, S. D. I.; PETRILLI FILHO, J. F. Compreendendo o alcoolismo na família. **Pesquisa Escola Anna Nery**, 10 (4), dez. 2006. p. 660-670. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/ean/a/9yPg6rhjKg5ZvJkGDMMm94R/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: maio 2023.

LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LÜCHMANN, L. H. H. Impactos democráticos do associativismo: questões teóricas e metodológicas. **Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas**

Públicas: aproximando agendas e agentes, 2013, UNESP, Araraquara – SP. Disponível em: <<https://www.fclar.unesp.br/Home/Pesquisa/GruposdePesquisa/participacaodemocraciaepoliticaspUBLICAS/encontrosinternacionais/pdf-st05-trab-aceito-0439-11.pdf>>. Acesso em: abril de 2023.

MARTINS, J. de S. **Os camponeses e a política no Brasil**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

PEREIRA, P. A. P. Conceção de bem-estar (social) em Marx. In: **Marxismo e Política social**. Brasília: Ícone Gráfica e editora, 2010.

PRIORI, A., et al. A modernização do campo e o êxodo rural. In: **História do Paraná: séculos XIX e XX** [online]. Maringá: Eduem, 2012. pp. 115-127.

SANTOS J. C.; FREITAS. P.M. Planejamento familiar na perspectiva do desenvolvimento. **Ciênc. Saúde Colet**. 2011; 16(3). p.1813-1820.

SANTOS, C. E. F.; PALUDO, C.; OLIVEIRA, R. B. C. Conceção de Educação do Campo. In: TAFFAREL, C. N. Z.; SANTO JÚNIOR, C. de L. S.; ESCOBAR, M. O. (org.). **Cadernos didáticos sobre Educação do Campo**. Salvador: UFBA, 2010. p. 13-14.

SIMÕES, W.; TORRES, M. R. **Educação do campo:** por uma superação da educação rural no Brasil. Curitiba, 2011.

SIQUEIRA, L. H. S. de. **As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar**. Porto Alegre – RS: UFRGS, 2004. (Dissertação Mestrado em Desenvolvimento Rural).

VELLOSO, T. R. **Uma nova institucionalidade do desenvolvimento rural:** a trajetória dos territórios rurais no estado da Bahia. São Cristóvão – SE: UFS, 2013. (Tese de Doutorado em Geografia).

UFRB. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. **Projeto Pedagógico do Curso de Tecnologia em Alimentos**. Feira de Santana – BA: CETENS/UFRB, 2021.